

A hora dos povos

Ao terminar o conflito, 50 países integravam a Sociedade de Nações, que antecedeu a ONU.

Hoje, esse número triplicou. No pós-guerra, ao mesmo tempo em que os EUA e a URSS surgiam como as principais potências, chegava a vez dos "condenados da terra"



Roberto Bardini

Quando ainda se ouviam os ecos da Segunda Guerra Mundial, foi realizada nos EUA a Conferência de São Francisco (abril-junho de 1945), na qual se estabeleceram as bases que deram origem à Organização das Nações Unidas (ONU). Ao término do encontro, 50 países assinaram o acordo. Trinta anos depois, o número de integrantes da ONU ultrapassou a casa dos 150, a maioria do Terceiro Mundo.

A partir do fim da grande conflagração, iniciou-se um dos fenômenos político-sociais mais importantes do século XX: a independência das colônias inglesas, francesas, holandesas, belgas e portuguesas na Ásia e África, esboçada ao longo do século XIX. Desde então, gradualmente, novas repúblicas soberanas se integraram à comunidade internacional, da qual tinham permanecido separadas, subjugadas ou ignoradas.

A esse respeito, o filósofo francês Jean-Paul Sartre sintetizou em *Les Temps Modernes* (março-abril de 1956): "A colonização é um sistema que foi posto em prática em meados do século XIX, começou a dar frutos em 1880, entrou em queda depois da Primeira Guerra Mundial e se volta, hoje, contra a nação colonizadora."

A era colonial - No início da Segunda Guerra Mundial, o império britânico era rico e poderoso. Mantinha-se até nos lugares mais longínquos da Europa, em Chipre e no estreito de Gibraltar. Na África Oriental, havia se apoderado de

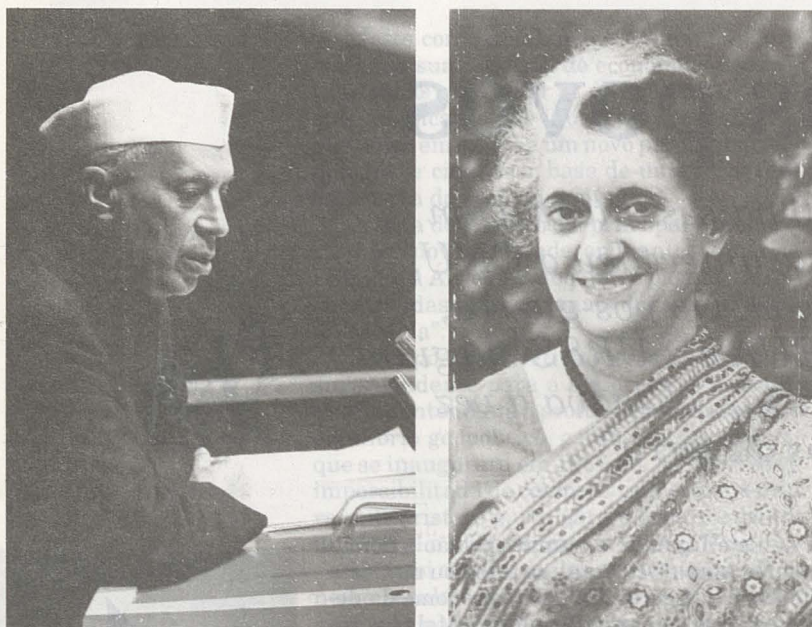
Quênia e Uganda, e ocupava Sudão e Somália. Na África Ocidental, se instalou na Costa do Ouro e Nigéria. Na Ásia, em nome da defesa da Índia, anexou Birmânia e Malásia. Na América tinha possessões nas Antilhas, e no Atlântico Sul ocupava as Ilhas Malvinas.

Os domínios ingleses se estendiam sobre um quarto da população do planeta. A Grã-Bretanha dominava a produção mundial de arroz, cacau, chá, lã, borracha, estanho, manganês, ouro, níquel, açúcar, carvão, cobre e, além disso, o petróleo do Oriente Médio. Controlava 15% da produção mundial de trigo, carne, manteiga, algodão, ferro e aço. Só havia um "detalhe": 85% de seus 500 milhões de súditos eram negros, amarelos e hindus.

O império colonial francês não ficava atrás: em 1939, véspera da guerra, ocupava áreas em três continentes que, somadas,



Com lemas contra os EUA, milicianos islâmicos do Sudão afirmam sua luta pela identidade e independência nacional. No detalhe, escolares cultuam a bandeira de seu país, a Somália



Jawarhalal Nehru e sua filha Indira Gandhi marcaram as primeiras décadas da Índia independente, um dos símbolos da descolonização

equivaliam a 20 vezes o território da metrópole. Estendia-se sobre 13 milhões de quilômetros quadrados, que abrigavam 110 milhões de habitantes. Vinte e cinco por cento do comércio exterior da França provinham das exportações e importações coloniais. No norte da África, na região conhecida como Magreb, a França ocupava a Argélia (de cujos 8 milhões de habitantes apenas um milhão eram franceses) e exercia um protetorado sobre Tunísia e Marrocos. No Saara, se estendia para o sul, até o Golfo de Guiné e o Congo. Essa extensa zona se dividia, para fins administrativos, em duas federações: África Ocidental Francesa e África Equatorial Francesa. Graças a uma permissão da Sociedade de Nações (que antecedeu à ONU), a França exercia, além disso, seu poder em Togo e Camarões, duas ex-colônias alemãs. Também possuía poder de custódia sobre regiões no Oriente Médio: Síria e Líbano.

No Sudeste Asiático, os franceses se mantinham na Indochina (Anam, Laos, Camboja, Conchinchina e Tonquin). Na Oceania, faziam-se presentes na Nova Caledônia, além de pequenas ilhas, como Taiti. Nas Antilhas, conservava, entre as mais importantes, Guiana, Martinica e Guadalupe.

A pequena Holanda, com apenas 35 mil quilômetros quadrados de superfície e 8 milhões de habitantes, tinha possessões no arquipélago de Sonda (no Pacífico Sul), em Sumatra, Borneo, Célebes, Nova Guiné e Java, que se converteria na atual Indonésia. Total: dois milhões de quilômetros quadrados e 70 milhões de habitantes.

Bélgica, outro país pequeno, nascido em 1830, não tinha vocação colonial. No entanto, seu rei Leopoldo II (segundo monarca belga, 1865-1909) era empresário. Impulsionou um dos mais cruéis e devastadores empreendimentos coloniais da história: a conquista e exploração do Congo, entregue a empresas internacionais. Em 1886 proclamou o Estado independente do Congo, do qual se tornou "soberano absoluto".

Portugal era "o primo pobre" dos impérios coloniais, mas foi o que mais resistiu à descolonização. De suas antigas possessões, conservava algumas "sobras": Goa, no Índico; Timor, no arquipélago de Sonda; Macau, na China, e, o melhor de suas conquistas, Angola, Moçambique, Cabo Verde e Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe, na África.

Mundo bipolar - Quando a guerra terminou, os países europeus, vencedores e vencidos, ficaram debilitados. Houve um declínio transitório da Alemanha e Itália, além de grandes perdas na Grã-Bretanha, França, Holanda e Bélgica.

Um caso ilustrativo é a Inglaterra. Aos enormes danos em seu território, causados pelos bombardeios alemães, há que se somar sua participação no Oceano Índico e no Sudeste Asiático, contra os japoneses e, no norte da África e Itália, contra os germânicos. Resultado: 400 mil mortos, cerca de 30% de seus edifícios destruídos pelas bombas, 300 bilhões de dólares de gastos militares, uma dívida externa de 14 bilhões de dólares e uma inflação de 80%.

Os Estados Unidos, ao contrário, emergiram como a primeira potência do Ocidente, líder de um capitalismo sem igual. Por outro lado, a participação da União Soviética no conflito e sua vitória sobre o nazismo - a um custo de 20 milhões de mortos - teve uma dupla consequência: o reconhecimento da revolução bolchevique de 1917 e a afirmação do socialismo, que se apresentava como um corpo de idéias que podia levar desenvolvimento e bem-estar aos países e classes sociais que giravam na órbita do capitalismo.

Pela primeira vez, os destinos do mundo ficaram marcados pelas decisões dos dois novos pólos hegemônicos. Ambas as potências, uma a Leste e outra a Oeste, detinham o poder material - armas, ciência, tecnologia, indústria - e ideológico. Uma tinha como bandeira o capitalismo, sinônimo de democracia e liberdade. A outra, o socialismo, como instrumento de libertação dos povos e setores historicamente oprimidos.

A China desempenhou papel importante na luta contra o Japão. Seu tamanho e população a colocavam como a "terceira maior"

junto aos EUA e URSS. No entanto, o pouco desenvolvimento econômico, o desgaste da guerra e as disputas internas – que opunham os contra-revolucionários de Chiang Kai Shek e os comunistas de Mao Tsé Tung – impediram que ela surgisse como uma potência. Deveria esperar até 1949, quando aconteceu a vitória da revolução liderada por Mao. O poder mundial, antes dividido entre os Estados europeus, se transfere assim para outros espaços geográficos. A Europa – que na véspera da Segunda Guerra Mundial dominava a quase totalidade da Ásia e África, além de pontos estratégicos no Oriente Médio – passa a ocupar lugar secundário no cenário internacional.



Terceiro Mundo em armas – O caráter mundial que a guerra europeia assumiu – com o alinhamento do Japão com Alemanha e Itália e a aliança dos EUA com a Europa – pôs em cheque a soberania das colônias. Por um lado, as metrópoles exigiram esforço dobrado de suas possessões, através de campanhas de produção de abastecimento e alistamento de nativos para combater. Por outro, a invasão japonesa na Indochina, Malásia e Indonésia mostrou que os senhores brancos não eram tão poderosos.

Em 1945, após a retirada dos japoneses do Sudeste Asiático e antes da volta das autoridades coloniais, a população local – que havia combatido os invasores – se apoderou do armamento e recobrou a autoconfiança. O fenômeno não se limitou à região do Pacífico. Nesse mesmo ano, Marrocos manifesta sua intenção de pôr fim ao protetorado francês, na Argélia começa a rebelião, Indochina e Indonésia proclamam sua independência. Em 1947, a Índia consegue, de forma relativamente pacífica, sua emancipação da Grã-Bretanha.

Dez anos depois, em 1955, 29 países se reúnem na conferência afro-asiática de Bandung (Indonésia), e se apresentam como um Terceiro Mundo que se distancia do Ocidente e da URSS, se revelam favoráveis ao socialismo e anunciam seu compromisso de ajudar a libertar os povos dependentes. Surgia, assim, o embrião do que depois seria conhecido como Movimento de Países Não-Alinhados.

O Magreb, à exceção da Argélia, consegue sua independência em 1956. No ano seguinte, Costa do Ouro – que foi batizada com o nome de Gana – se tornou o primeiro país da África Tropical a conquistar sua soberania. A descolonização nos territórios controlados pela Grã-Bretanha avançou desde 1957 até 1960,

quando quase todos os países dominados obtiveram sua independência formal.

Nos doze primeiros meses da década de 60, conhecidos como “o ano da África”, 17 países conquistaram independência: Camarões, Congo francês e Congo belga, Gabão, Chade, a República Centro-Africana, Togo, Costa do Marfim, Daomé, Alto Volta, Níger, Nigéria, Senegal, Mali, Madagascar, Somália, Maurítânia e Suazilândia.

Em 1968, já há anos Portugal havia perdido suas glórias como império mercantil. Era um pequeno e pobre país, com pesada e anacrônica herança fascista legada por Oliveira Salazar, seu ditador desde 1932. A partir dos anos 60, Angola, Moçambique e Guiné-Bissau se levantaram em armas. Entre 1969 e 1972, a maior parte do exército português (142 mil homens) estava mobilizada em suas colônias na África.

Quando o regime salazarista se desintegrou com o movimento de 25 de abril de 1974, a “Revolução dos Cravos”, um africano comentou: “O povo português foi o primeiro a ser libertado, em parte graças à heróica luta dos guerrilheiros africanos.” Em poucos meses, a partir de então, as nações do antigo império colonial português na África conquistam a independência.

Em fins dos 70, estava praticamente concluída a descolonização – ficando apenas alguns casos anacrônicos – uma das conseqüências mais imprevisíveis e transcendentais, para toda a humanidade, da Segunda Guerra Mundial. ■

Bibliografia:

- Maria Yedda Linhares, *A luta contra a metrópole (Ásia e África)*, coleção Tudo é História, ed. Brasiliense, São Paulo, 1981.
Leticia Bicalho Cañedo, *A descolonização da Ásia e da África*, coleção Discutindo a História, ed. Unicamp, Campinas, 1985.
Guia do Mundo 1993-1994, Instituto do Terceiro Mundo, Montevidéu, 1992.

Movimento dos Não-Alinhados, na reunião de 1992, em Jacarta, Indonésia, presta homenagem a seus fundadores: Nasser, Tito, Sukarno, Nehru e Kwame Nkrumah

No próximo número, a diplomacia da guerra na América Latina e no Brasil